



Morte em Veneza é a história de uma viagem –a última viagem– de um escritor alemão de reconhecido prestígio –Gustav von Aschenbach– a Veneza que a ópera de Britten descreve ordenadamente em dezassete cenas: o ponto de partida (Munique), a viagem a Veneza de barco e gôndola, e a chegada ao Grande Hotel do Lido onde vê, entre os forasteiros, o jovem Tadzio por quem acaba por se apaixonar. Tudo o que sucede a partir deste momento mostra a vontade do escritor de continuar a ver, nem que seja de longe, o jovem Tadzio: os passeios até à praia do Lido onde o jovem faz desporto, a determinação de permanecer em Veneza apesar da epidemia de cólera que se tinha declarado na cidade, a visita a um barbeiro quem lhe pintará o cabelo para fazê-lo parecer mais jovem e, finalmente, um último passeio à praia para ver Tadzio onde, enfermo de cólera, encontrará a sua morte.

Mas *Morte em Veneza* é muito mais do que isso, porque esta viagem não se explica como uma sucessão de factos mas sim como uma experiência. A fusão de cenas realistas com cenas oníricas, a deformação à qual estão submetidas as situações quotidianas, a presença de personagens mitológicos e, sobretudo, a utilização de personagens secundários –interpretados sempre pelo mesmo baixo-barítono– para mostrar aquilo que Aschenbach pensa, deseja ou teme sem dizê-lo a si próprio, conseguem que a sua experiência vital adquira uma poderosa expressão dramática. Uma experiência, por outro lado, que consiste em aceitar que o corpo de Tadzio, de uma extraordinária beleza clássica, é o último refúgio do ideal de beleza ao qual tinha dedicado a sua vida de escritor e admitir que o prazer de vê-lo perto de si –ainda que constitua uma atracção não correspondida, imprópria e destrutiva– é para ele mais valioso do que tudo aquilo que tinha defendido até então –a serenidade, a ordem ou a convenção– e incluso mais do que a sua própria vida.

A ópera de Britten (1973) segue muito de perto a novela (1912) de Thomas Mann e para ela construiu uma partitura que se adapta a cada situação –piano para os monólogos de Aschenbach; xilofones, gongos e corda para as aparições de Tadzio, etc.– com uma expressiva e inquietante força estética. A citada produção de *Death in Venice* constitui a estreia em Espanha desta ópera.

BENJAMIN BRITTEN: *Death in Venice* *Morte em Veneza* Estreia em Espanha

Representações

13, 16, 20, 27 e 30 de Maio,
às 20.00 h.
25 de Maio, às 17.00 h.

Ficha artística

Direcção musical: Sebastian Weigle
Direcção de cena: Willy Decker
Cenografia: Wolfgang Gussmann
Figurinos: Wolfgang Gussmann / Susana Mendoza
Iluminação: Hans Toelstede
Coreografia: Athol Farmer
Dramaturgia: Klaus Bertisch
Nova co-produção: Gran Teatre del Liceu / Teatro Real (Madrid) / Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf – Duisburg
Gustav von Aschenbach: Hans Schöpplin

HORÁRIO
DAS
SOIRÉES
20 horas

O viajante (velho presumido, velho gondoleiro, director do hotel, barbeiro do hotel, director dos músicos, voz de Dionisos): Scott Hendricks
A voz de Apolo: Carlos Mena
Tadzio: Uli Kirsch
Empregado inglês na agência de viagens / Guia em Veneza: Leigh Meirose
Mendigo: Claudia Schneider
Porteiro do hotel: Josep Ruiz
Vendedora de bordados: Fabiola Masino
Empregado do restaurante:
Enric Martínez-Castignani
Vendedora de morangos / Vendedor de jornais:
Begoña Alberdi

Anna Briansó, Francesca Pisanello, Paula Mazorra, Marta Serra, Ruben Jiménez, Gloria López Pérez, Horténsia Larrabeiti, Eun Kyung Park, Angélica Prats, Elisabet Vilaplana, Graham Lister, Yordanka León, Ingrid Venter, Miglena

Savova, José Luis Casanova, Jordi Figueras, Carles Prat, Emili Rosés, Miquel Àngel Currás, Jordi Mas, Ivo Mischew, Gabriel Diap, Xavier Comorera, Miquel Rosales, Pierpaolo Palloni, Mariano Viñuales, Maria Such, Rosa Cristo, José Luis Casanova e Iosu Yeregui.

Conferências

Conferência organizada por *Amics del Liceu* na Sala de Coro do Gran Teatre del Liceu: Jaume Radigales sobre *Death in Venice*.
Quarta-feira, 7 de Maio às 19.30 h.

Prévias

Três quartos de hora antes do espectáculo será oferecida no Foyer uma sessão informativa sobre a ópera.

Livros

- Michel Oliver: *Benjamin Britten*. Londres: Phaidon Press, 1996.
- Thomas Mann: *La muerte en Venecia*. Trad: Joan Fontcuberta. Pròleg de Feli Formosa. Colecció «A Tot Vent», núm. 121. Barcelona: Editorial Proa, 1996.
- Platão: *El Banquet, Fedre*. Trad: Joan Leita. «Textos filosòfics», núm. 75. Barcelona: Edicions 62, 1997.

Actividades complementares

Hamburg Ballett · John Neumeier
Morte em Veneza em dança
Dias 19, 21, 22, 23 e 24 de Maio de 2008
Música coral de Britten
«A propósito de *Death in Venice*»
Segunda-feira, 26 de Maio de 2008, às 20.00 h
no Foyer

Na ópera de Benjamin Britten –e na novela de Thomas Mann– faz-se referência ao diálogo *Fedro* de Platão, no qual, como é habitual, Sócrates dialoga com um interlocutor (*Fedro*, neste caso) sobre alguma questão referente, em geral, à ética ou à estética. A primeira parte de *Fedro* está dedicada à beleza e ao amor nuns termos muito próximos ao conflito de *Aschenbach* e, por esta razão, reproduzimos uns fragmentos da tradução de Joan Leita.

«A vista, de facto, é a mais aguda das sensações que nos chegam mediante o corpo, se bem que com ela não se vê a mente [...]. Agora bem: só a beleza tem o privilégio de ser o mais resplandecente e mais digno de ser amado».

«Quando vê uma cara de aspecto divino ou alguma forma de corpo que imita bem a beleza, em primeiro lugar estremece-se e devolve-lhe algo dos arrepios de então; depois, ao mirá-la, venera-a como se fosse divina e, se não temesse parecer totalmente dominado por uma loucura, ofereceria sacrifícios àqueles amados jovens como se fossem uma imagem santa ou um deus. Depois de a ter visto, depois do estremecimento produz-se nele uma alteração, que lhe provoca suor e um ardor inusitado».

«Quando alguém mira aquilo que é belo de aqui abaixo, recordando aquilo que verdadeiramente é belo, adquire umas certas asas e, alado deste modo, deseja lançar-se a voar, mas não pode fazê-lo: mira para cima como um pássaro e descuida as coisas daqui abaixo, e por esta causa se lhe acusa de louco. Assim, pois, de todas as inspirações divinas, esta é a melhor e a que procede da melhor origem, tanto para aquele que a tem como para aquele com a que se associa, ao mesmo tempo que se chama amante àquele que participando deste deleite ama os jovens belos».

«Plenitude, simplicidade, serenidade e felicidade resplandeciam naquelas manifestações nas quais nos iniciámos e fomos admitidos a contemplar na luz mais pura, sendo também nós puros e isentos da marca impressa por esta tumba à qual chamamos corpo e que levamos à nossa volta, firmemente agarrados a ele como uma ostra à sua concha».

***La mort a Venècia* (1912), a novela de Thomas Mann na qual se baseia a ópera de Britten, descreve a chegada de *Aschenbach* a Veneza, em gôndola, numa analogia entre a cidade e o protagonista que nos leva a pensar no refinamento e, ao mesmo tempo, na morte. Reproduzimos um fragmento da obra, na versão de Joan Fontcuberta.**

«Quem não sentirá um ligeiro arrepio e uma angústia secreta ao subir pela primeira vez ou depois de muito tempo de ter perdido o hábito, numa gôndola veneziana? A estranha embarcação, que chegou até aos nossos dias desde tempos medievais sem modificação alguma, com uma cor tão peculiarmente negra como só os ataúdes a têm, recorda aventuras silenciosas e criminais no chapinhar da água noturna, recorda muito mais a morte, o féretro, o tétrico trânsito e a última viagem, a mais calada de todas. E alguém já reparou que o assento de uma destas barcas –um banco envernizado de cor negra funerária e acolchoado em cor negra mate– é o assento mais almofadado, mais fofo e letárgico do mundo?»

Aschenbach apercebeu-se disso quando se sentou aos pés do gondoleiro, em frente da bagagem que tinha sido agrupada na parte dianteira. Os remadores continuavam a discutir amargamente numa linguagem incompreensível e com gestos ameaçadores. Mas o peculiar silêncio da cidade aquática parecia acolher docemente as suas vozes, volatizá-las e dispersá-las por cima dos canais. Estava calor no porto. Acariciado pelo tibio alento do siroco, recostado nos fofos coxins dos assentos, o viajante cerrou os olhos saboreando uma lassidão tão doce como insólita. “O trajecto será curto”, pensava. “Oxalá durasse para sempre!”. Suavemente embalado, sentiu que se deslizava, fugindo do tumulto e das vozes. Que silêncio e que quietude se iam formando à sua volta. Não se ouvia nada mais que o chapinhar dos remos na água, o surdo suspirar das ondas contra a proa da barca, que se alçava, escarpada e negra, sobre a água [...]»



Hans Schöpflin



Uli Kirsch



Scott Hendricks



Fabiola Masino, Enric Martínez-Castignani, Jordi Mas, Hans Schöpflin, Claudia Schneider, Begoña Alberdi e Leigh Melrose



A dramaturgia de Willy Decker para *Death in Venice*

Willy Decker quis que a dramaturgia de *Morte em Veneza* situasse perante o espectador não tanto uns factos que sucedem com uma ordem, causal e temporal bem como lógica, mas sim o estado psíquico do protagonista que os vive e o valor, portanto, que este atribui a cada situação e a cada personagem. A isso dão resposta alguns dos recursos de esta dramaturgia, como o ritmo cinematográfico com o qual acomete as dezassete cenas e que mostra a agitação interior do personagem, ou o cenário negro que acolhe sempre os solilóquios de Aschenbach, ou a estridente coincidência de espaços elegantes e requintados com outros vulgares e grotescos de acordo com as duas reacções de Aschenbach em relação a Veneza, ou a projecção da figura de Tadzio noutras imagens com as quais Aschenbach o confunde ou identifica, ou a progressiva aproximação entre Tadzio e Aschenbach até chegarem quase a roçar-se, ou o aspecto vulgar e chamativo do Carnaval que é como o protagonista o vive, ou a presença no cenário de alguns quadros –Caravaggio, Leonardo e Magritte– que conotam o espaço cénico com o sentido daquelas obras. Todos estes recursos conseguem não deformar a sequência de factos que constituem o argumento mas, tal como fazem Thomas Mann e Benjamin Britten, conseguem também que, com uma simbologia relativamente simples e clara cheguem ao espectador como aquilo que são: a expressão de um dramático mundo interior em tensão –uma tensão, certamente, tão intelectual como erótica– que, ao mesmo tempo, o redime e o condena.



Hans Schöpflin, Sebastian Weigle, Willy Decker, Wolfgang Gussmann e Klaus Bertisch nos ensaios no Gran Teatre del Liceu. © Fotos: Antoni Borrell.

Willy Decker: «Esta não é uma obra sobre a morte, mas sim sobre a vida»



GTL– Consideram-no um especialista em Benjamin Britten. Qual é a sua opinião sobre isto?

W. D.– Dizem isto porque já dirigi bastantes óperas de Britten e, além disso, em montagens que viajaram muito. No próprio Liceu foi apresentada, por exemplo, a encenação de *Billy Budd* que realizei para Colónia. A diferença é que esta montagem de *Death in Venice* será, para além da quinta ópera de

Britten que levo à cena, a minha primeira nova produção para o Liceu. Outros teatros já me tinham pedido em várias ocasiões fazer *Death in Venice* e hesitei algumas vezes antes de rejeitar as propostas, mas realmente estou convencido que agora, no Liceu, era o momento de enfrentar-me a esta fascinante obra, cheia de ambiguidades e equívocos. O mais importante que o director de cena deve ter claro é que esta não é uma obra sobre o descobrimento das tendências homossexuais de um homem na maturidade da sua vida. Isto é exactamente aquilo que não nos explica a obra ou, para ser mais exacto, é só um aspecto muito superficial daquilo que Britten nos explica na sua obra. Por isso sempre tive dúvidas sobre a possibilidade de levar à cena *Death in Venice*. Queria estar seguro de encontrar as imagens que, sem contradizer a história, deixassem muito claro o tema da obra.

GTL– *Death in Venice* é, portanto, uma ópera sobre a morte?

W. D.– É certo que Benjamin Britten escreveu *Death in Venice* quando já estava muito doente e previa o desenlace da sua própria morte, mas esta obra não trata sobre a morte, mas sim sobre a vida. Não existe em Aschenbach nenhum desejo de morrer; aquilo que ele deseja é continuar a criar e a buscar beleza para comunicar-se com os outros. Deseja superar a sua crise criativa, está disposto a ver as suas contradições, a enfrentar-se aos seus instintos, quer viver, mas a única saída que existe é a morte. Uma agonia numa Veneza reflectida em canais que nos oferecem uma imagem fantasmagórica dos palácios da cidade, descritos por Thomas Mann no seu texto com uma força perturbadora. Britten viu-se reflectido na obra: via no texto de Mann o seu próprio retrato. Mas esta é uma obra muito estranha porque o outro grande personagem, que é o viajante que interpreta os diversos tipos que Aschenbach encontra em Veneza, não é outra coisa que a voz interior do próprio Aschenbach. É a sua própria voz que lhe fala desde o mais profundo do seu ser como um viajante que o acompanha vá ele para onde for.

GTL– Como é que os personagens se relacionam?

W. D.– Aschenbach é o escritor que na sua maturidade tinha conseguido o reconhecimento do público e da crítica. Inclusive este reconhecimento foi-lhe transmitido na forma de título nobiliário. É um homem solitário que viveu uma vida caracterizada por um sentido muito forte da autodisciplina baseada no trabalho. Sempre tinha tentado afastar os sentimentos profundos e precisamente neste momento, quando vai em viagem a Veneza, é quando quer fugir, relaxar a disciplina na qual se tinha blindado ao longo de toda a sua vida. Tadzio, o jovem polaco, é o outro personagem «real». **Os outros personagens não passam de sombras. Tadzio e Aschenbach são figuras solitárias destinadas a encontrar-se no transcurso de uma lenta viagem.** Este encontro é, para Aschenbach, o momento criativo mais importante e mais belo da sua vida e uma fuga para a vida que lhe permite, finalmente, deixar atrás as pressões morais e morrer com toda a tranquilidade.

Damià Carbonell

Full informatiu

Núm. 73 13 de Maio de 2008



Gran Teatre del Liceu

Hamburg Ballett · John Neumeier

Morte em Veneza em dança



Tod in Venedig

Música

Johann Sebastian Bach e Richard Wagner

Coreografia

John Neumeier

Cenografia

Peter Schmidt

Figurinos

John Neumeier e Peter Schmidt

Esta versão de *Tod in Venedig*, de Thomas Mann, do Hamburg Ballet tem como subtítulo *Uma dança da morte* de John Neumeier.

O director do Hamburg Ballett criou uma coreografia centrada nos dois conceitos: o amor e a morte. Uma dualidade que também se estende à banda sonora deste ballet, compartilhada por Bach e por Wagner. O primeiro representa o mundo intelectual criado por Von Aschenbach – nesta versão, transmutado em mestre coreógrafo – e o segundo, o mundo contrário, ou seja, estático e dionisiaco ao qual sucumbe este personagem em Veneza depois do seu encontro com Tadzio.

Obra de maturidade de Neumeier, na qual o coreógrafo se sentiu fascinado pelo componente mítico do relato de Mann e pelo cúmulo de coincidências entre todos os grandes criadores implicados nesta história de amor e de morte.

Maio de 2008 dias 19, 21, 22, 23, 24 e 25
Venda de entradas



Die Walküre

de Richard Wagner

em versão concerto



Direcção musical

Sebastian Weigle

Evelyn Herlitzius, Waltraud Meier, Plácido Domingo, Alan Held, René Pape, Jane Henschel, Silvana Dussmann, Eugenia Maria Bethencourt, María Rodríguez, Renate Spingler, Jane Dutton, Gemma Coma-Alabert, Inés Moraleda e Nadine Weissmann.

Orquestra Sinfónica do Gran Teatre del Liceu

Maio de 2008 dias 28 e 31
Venda de entradas



Recital Josep Carreras

Comemoração do 50 aniversário do seu *début* no Liceu



No próximo dia 17 de Junho terá lugar o recital do tenor Josep Carreras, acompanhado ao piano por Lorenzo Bajav. Coincidindo com o recital, o Balcón Foyer e o Saló dels Miralls do Teatro vão acolher, entre o dia 5 de Junho e o dia 30 de Julho, uma exposição comemorativa sobre a figura do tenor e a sua trajectória profissional durante estes últimos 50 anos. A exposição, que conta com o patrocínio de Chopard, estará formada

basicamente por objectos pessoais do artista, fotografias e um audiovisual.

Igualmente e seguindo a iniciativa que já teve lugar na temporada anterior com a ópera Norma, o recital de Josep Carreras será retransmitido no mesmo dia 17 de Junho por TV3 e será projectado em ecrã gigante na Plaza del Mar, no bairro da Barceloneta.

GRAVAÇÕES DO LICEU:

Novidade em DVD: *Khovantchina*



Gravação de *Khovantchina* de Modest Mussorgsky no Liceu (Maio de 2007). Michael Boder / Stein Winge. Vladimir Ognovenko, Vladimir Galouzine, Robert Brubaker, Nikolai Putilin, Vladimir Vaneev, Elena Zarembo, Graham Clark, Natalia Timtxenko, Francisco Vas, Pavel Kudinov e Mikhail Vekua (Opus Arte).

O DVD pode ser adquirido em Laie-Liceu.

Grande êxito de crítica do DVD de *Manon*



«É pouco provável que Natalie Dessay chegue a oferecer uma interpretação mais grandiosa que esta. Ao princípio parece uma colegial simplória, vestida com um casaco de viagem dois números maior, mas ao crescer converte-se numa amante coquete e depois numa cortesã manipuladora e avarenta perante os nossos olhos. A sua forma de cantar cada uma das grandes árias resulta igualmente fascinante [...]. Não imagino que possamos ver outra Manon que a iguale em muito tempo.» «Gramophone» Abril de 2008.

«Desde o ponto de vista musical, os valores também são altos, com um bom trabalho por parte da orquestra e do coro.»

«BBC Music Magazine» Março de 2008.

«Um bom apoio, também, por parte dos personagens secundários: um Lescaut cantado com notável elegância por Manuel Lanza mas com um toque invulgarmente mesquinho, um De Brétigny relativamente filosófico de Didier Henry, um Guillot de pícaro colorido que interpreta Francisco Vas. São uma parte importante da visão escura e sumamente sexual da peça que tem McVicar, quem tira a tampa da caixa de bombons e faz com que se converta em miserável e suja. Tenho a certeza que fez bem.»

George Hall «Opera» Abril de 2008.

Consell de Mecenatge



Telefónica



Patrocinadors i Protectors

ABANTIA - ACCENTURE - AGFA - GEVAERT - ALMIRALL - ATOS ORIGIN - AUTOPISTAS - AUCAT IBERISTAS - SABA - AXIMA - BANKPIRE - BTB BARCELONA TELEVISIÓ - BON PREU - BOLSA DE BARCELONA - CESPA - FERROVAL - COBEGA - FUNDACIÓN COCA-COLA ESPAÑA - COLONIAL - COPCISA - CULLELL ASSOCIATS - DANONE - EL PUNT - ENAGAS - EPSON IBERICA - ERCROS - ESPAIS PROMOCIONS IMMOBILIÀRIES - EUROMADI - FCC CONSTRUCCIÓN - FERRERO IBERICA - FIATC ASSEGURANCES - FUNDACIÓ PUIG - FUNDACIÓN CULTURAL BANESETO - GEBIRA - GENERAL CABLE - GETRONICS ICT - GFT IBERIA SOLUTIONS - GRAFOS - GRAN CASINO DE BARCELONA - GRUP PERALADA - GVC - INDRA - LABORATORIOS INIBSA - LABORATORIOS ORDESA - LICO CORPORACIÓN - MEDIA MARKET - MERCK GENERICS - MICROSOFT IBERICA - MONTBLANC - MUTUA MADRILEÑA - OCASO - ORGANON - PEPSICO - PHILIPS IBERICA - PORT DE BARCELONA - PRICEWATERHOUSECOOPERS - SACRESA - SACYR VALLEHERMOSO - SAGA MOTORS - SANOFI - AVENTIS - SAP - SERVIREU - SOLVAY IBERICA - TRANSPORTS PADROSA - UNIDAD EDITORIAL